

Exposição universal de 1889
52 ddd de Janeiro
ano 1889

Provincia de S. Paulo.

Cachoeira de Lorena, 5 de Janeiro de 1879.

Anno 1.—Numero 24

ECHO MUNICIPAL

ORGÃO LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS—MORRIS & SEIXAS.

REDACTOR—Manoel Saturnino de Seixas

Echo Municipal

Janairo de 1879.

ANNO BOM

Na amplitude do tempo mais um anno escocou-se. Mais uma infinidade de episodios se congregam e fazem sua entrada triumpante para o grande livro dos tempos.

A historia das nações os aguarda, os acolhe, os consigna antes que se envolvam nas brumas do passado.

A imprensa é o medium. Mais tarde, a posteridade, empunhando o escalpelo da crytica, compulsa o grande livro, cumpre a sua missão de julgadora.

D'ahi o dever que assiste a todo o cidadão—de elucidar-se por um viver exemplar, por que tem no proprio lar a sua historia: os seus precedentes, bons ou maos, são poderoso incentivo para a imitação da sua prole.

O homem publico tem duplicado dever: para com siglo mesmo e para com a sua patria.

Et le monde marche.

E os productos da intelligencia humana assombram o mundo nos diversos ramos de seus conhecimentos praticos.

O vapor e o telegrapho, familiarizados já com o seculo XIX, dão azo a novas e uteis descobertas: o telephono sobrevem como um complemento indispensavel, e como circumstancias accessorias o microphono de Hughes, os pombos-correios e o balão aerostatico.

De dia para dia alarga-se a orbita dos conhecimentos, que a humanidade, avida de novas e repetidas victorias, recebe com ovacões e legitimo entusiasmo.

Assim é que um anno terminado assigna mais algumas victorias alcançadas pela intelligencia—o fidal divino que não remittamente dissipará as trevas da ignorancia, e alumiará todo o orbe civilizado.

E' por isso que te saudamos, ao despedirmo-nos da decrepitude, juven 79!

Que venhas tu, esperançoso mancoço, justificar o qualificativo com que te brindamos: anno bom!

Que durante as doze luas vejas a humanidade confraternizar-se, olvidar antigos odios e encetar uma romagem nova e exemplar.

Que em fraternal amplexo se identifique em uma só a desunida humanidade.

Só assim se engrandecerão os homens e as nações, justificando d'este-

arte o eloquente axioma de E. Polletan:—*L'union fait la force.*

Salve Anno Bom! Salve 79!

O JORNALISMO

(Revista Popular)

Muito tem feito a intelligencia humana; é uma verdade, que mil factos attestam; cada seculo tem sido uma revolução na ordem moral, uma conquista aos segredos da natureza;—cada dia uma descoberta importante e immensa em seus effeitos, um melhoramento obtido vão assignalando os servicos da intelligencia, ou do acaso, pouco importa, em bem das gerações.

A imprensa illustrou o seculo de Gutenberg, e tornou-se ao depois a chave, a origem, ou o meio de mil outras descobertas, providas; rasgou-se o véo em que se occultavam os mysterios da sciencia, que pouco a pouco se foram de-enrolando aos olhos da humanidade.

O machinismo de Faust aperfeiçoou-se e foi multiplicando e estendendo as produções do espirito humano que até então limitavam-se a um circulo pequeno, circumscripto e acanhado de adeptos.

A encyclopedia appareceu, e como quasi todas as cousas d'este mundo, causou males, porem produziu bens, e não pequenos foram elles. Era o parto gigante da intelligencia, a expressão do espirito humano, dizendo tudo, fecundando tudo, o bem e o mal, a verdade e o erro, o bello e o horrivel, o sonho, a paixão, a razão, o amor, o odio, a materia, o ideal, mas em fim causando a ponte para d'ella tirar o dia, produzindo o chaos, para d'elle tirar a vida e a ordem.

Voltaire, essa fronte vasta do seculo passado, um homem cujo cráneo em ebullição resumia uma academia inteira—foi a grande alma d'aquelle livro, grande pelas dimensões e mais ainda pelo fundo.

Era a voz do mundo novo, da sociedade moderna, que se exprinia pelos labios do mundo velho, que erguia-se ameaçadora e vibrante, e accusava e denunciava a Deus e aos homens os crimes dos homens; era a voz do passado, que appellava para o futuro.

As idéas, que propalou, auxiliado pela escola, de que era chefe, repercutiram por todo o mundo, foram ouvidas de todos os pontos da terra, como o echo immenso de uma gigantesca trombeta.

E a sociedade estremeceu; houve

um cataclysmo assombroso, como nunca o havia presenciado a humanidade; não eram as nações que se arremessavam umas contra as outras, não eram os Godos e Wisigodos, que se atiravam, como lobos famintos a devorarem o velho colosso de Augusto e Constantino; não eram os Almoravides, que invadiam a infeliz Hespanha e obrigavam Pelagio, o principe cavalleiro—a ir abrigar a sua e a liberdade dos seus nas penedias escabrosas das Asturias, era o cataclysmo das idéas, o desmoronamento das velhas instituições, era a destruição dos preconceitos, das fôrças, dos abusos, da superstição, dos erros, da intolerancia, era a sociedade velha, que retirava-se á custo, que cedia o logar á nova sociedade.

E houve verdadeiro cataclysmo.

No desmoronamento social cahiram por terra preconceitos ruins e instituições sagradas, proclamou-se a LIBERDADE dos povos, a FRATERNIDADE das nações, a EGUALDADE dos homens,—mas a cabeça de um martyr foi rolar ao cadafalso, e os ministros do altar, e a doutrina santa e pura do Evangelho, foram por um momento envolvidos no turbilhão que varria e soprava a velha sociedade.

Foi como a tempestade, que purifica e torna pura e diaphana a atmosfera que nos envolve; mas as arvores foram arrancadas pelas raizes e os navios que cruzavam o oceano, submergiram-se nas vagas agitadas ou bateram de encontro aos penhascos.

E' sempre assim: nunca surge uma instituição provida á humanidade, nunca surge uma idea util aos povos—sem que corra o sangue dos martyres, sem que lagrimas gotejem a humanidade.

A doutrina do Christo—que hoje o mundo adora de joelhos, brota e cresce regada pelo sangue de muitas victimas; a revolução do seculo passado, que mudou a face da terra, que apreheu essas grandes ideas, que tendem a apertar os laços das nações, a unil-as, a estreital-as, em um amplexo de irmãos, que veio declarar e firmar os deveres e os direitos dos homens, até então desconhecidos e desprezados,—recebeu sua sanctação ao ruído das carrétas e do fuzilar da guilhotina.

E' que a ordem moral tem immensos pontos de contacto com a ordem physica: é que a tempestade, que precede á bonanza purifica a atmosfera.

Da imprensa ao jornalismo—a transição é facil e natural.

Padre F. Bernardino de Souza.

(Continua.)

Collaboração

A Crenação

(Resposta á Cincinato)

II

Cincinato veio felizmente em defeza do seu artigo de 24 de Novembro.

Agradecemos-lhe as maneiras delicadas com que nos tratou; e cordialmente retribuir-lhe-hemos as mesmas finezas, certos de que a discussão entre cavalleiros que não prezão sempre se deve manter nesse nível.

Não obstante, é forçoso convir que o illustre contendor foi duas vezes injusto para conosco.

Em seu artigo, mais de uma vez attribuiu-nos illações que não tiramos, consequências que não deduzimos, e que aliás são para nós meras puerilidades.

Não nos collocamos tambem em terreno escorregadio, como pretendem o illustre adversario; e, se fallamos dos povos antigos, foi para provarmos que nação nenhuma antiga ou moderna adoptou a crenação; é justamente o que se deduz da leitura do nosso artigo.

Porém, esse primeiro artigo era uma introdução ao nosso trabalho, e a idea principal deveria ser elucidada nos seguintes; mas hoje que Cincinato vem a campo e chama-nos para o terreno da hygieine, é forçoso obedecer-lhe, e por isso fica transtornada a ordem a que me havia prescripto.

Que nenhuma nação antiga ou moderna adoptou a crenação de cadaveres mesmo como uma medida hygienica, em epochas normaes e ordinarias, é facto provado que não precisa demonstração.

Já referimos, em pallido bosquejo, o que pensáramos os povos antigos á respeito do modo de sepultar-se os mortos; e, se para esse ponto fomos levados, foi tão somente para demonstrar que a idea da crenação é contraria aos sentimentos naturaes do homem.

Tal foi o sentido das nossas palavras.

Não podiamos concluir que as nações modernas não podem admittir aquillo que as antigas rejeitáram; seria um absurdo, porque importava a negação do progresso, e a contradicção das nossas proprias idéas.

Porém, Cincinato chama-nos" para outro terreno, obedeçamos, e deixemos para o proximo numero as nossas considerações historicas.

Em primeiro lugar, parece que Cincinato assentou as suas baterias no primeiro livro da Biblia e fez do versiculo do Genesis—*quid pulvis es et in pulverem te reverteris*—o seu cavallo de batalha, o seu achilles.

Não obstante, não tem razão: a propria Biblia e os proprios vocabulos se encarregam de demonstrar que é falsa essa interpretação que lhe quer dar.

Cincinato, que viveu nos tempos da boa latindade, não ha de ignorar por certo que *pulvis* (pulvis, sub. da 3.ª declinação) significava pó da terra, a poeira.

Se não fôra bastante isso, teriamos ainda muitos exemplos na Biblia em abono do que temos dito.

Em verdade, como explicar-se o enterro de Moysés, que a Historia Sagrada nos diz ter sido enterrado por um anjo no monte Nebo, aonde morreu?

Como entender-se aquella passagem do Livro dos Reis, que assim se exprime: « indo sepultar-se um morto na mesma cova em que fora enterrado o propheta Elyseu, os ossos do Propheta resuscitarão o morto »?

É claro que não se pôde interpretar as palavras da Escripura de maneira favorável a cremação.

Além disso, a Vulgata emprega mais de uma vez a palavra *cineres*, e o vocabulo que traduz é *cineres*, (cinis, cinis, sub. da 3.ª decl.), como se pôde ver no livro dos Reis, que trata das prophetas de Jeremias.

E não podia ser de outra forma: o corpo do homem, segundo a Escripura, foi feito do limo da terra; hade, pois, voltar para a terra d'onde sahio, conforme as palavras do Genesis.

A cremação, portanto, não poderá encontrar seu ponto de apoio na Biblia, como pretendeu Cincinato.

Passemos agora a estudar a sob o ponto de vista hygienico.

Será uma medida hygienica reclamada pelas necessidades publicas?

Não, pelo contrario. Tem se dito e mais de uma vez escreveu-se que os cemiterios publicos são uma fonte de males, um foco de miasmas, um perigo para a saúde publica.

Não é exacto: são palavras bonitas, que todos proferem inconscientemente, mas que os factos e o simples bom-senso se têm encarregado de desmentir.

Geralmente, nos grandes centros populócos, nas capitais e grandes cidades, não é proximo aos cemiterios que uma epidemia reinante grassa com mais intensidade.

A razão parece ser que os cemiterios são situados quasi sempre nos arrabaldes mais distantes, mas isso deixa de ser uma razão plausivel.

De facto: na capital do Imperio, na cidade do Rio de Janeiro, os cemiterios publicos estão situados em São Christovão, Rio Comprido, Botafogo, arrabaldes da cidade mais saudáveis e por isso mais habitados.

Quando as epidemias grassão fortemente em outras partes da Cidade, ali não se fazem sentir, e é nesses arrabaldes onde a popula-

ção se vae abrigar nessas estações criticas.

Cincinato, que deve conhecer a Corte, sabe que as proximidades dos cemiterios são habitadas, o que prova não serem elles um perigo para a saúde publica.

O mesmo succede em toda a parte; e mesmo em Paris, onde a Junta de Hygiene publica é importantissima, as proximidades dos cemiterios de Montmartre e do Père La Chaise são habitadas; e ninguém os considerou um perigo para o estado sanitario de uma cidade cuja população se approxima á 2 milhões de habitantes.

Já vê, pois, Cincinato que os cemiterios, segundo os Regulamentos, que os devem reger, estão muito longe de serem prejudiciaes á saúde publica.

O mesmo não acontecerá com a cremação.

Se os cemiterios, conservando os cadaveres sob uma camada de terra de muitos palmos de altura, forem prejudiciaes á boa hygiene, muito mais prejudicial será a cremação dos cadaveres.

Vejam os.

Da redução dos cadaveres á cinza, por meio de fogueiras ou fornos de cremação eleva-se-lha na atmosphera nuvens de fumo, impregnadas de substancias nocivas á saúde: esse fumo, no estado de vapor tomando sua elasticidade, tornará viciado o ar ambiente e concorrerá necessariamente para o desenvolvimento de molestias epidemicas.

E haverá cousa mais prejudicial á saúde publica do que um ar viciado?

Eis para onde vamos com a cremação, que, além de tudo, será uma lei estabelecida sem utilidade publica.

«—»

Ao terminar este artigo, devemos declarar que não pertencemos á classe dos *escrupulosos*, de que falla Cincinato.

Se fizemos opposição á essa idea do Ministro, foi porque vemos nullo um absurdo; indigno de um Estadista do nosso paiz, e um menoscabo aos sentimentos naturaes e religiosos do povo brasileiro.

(Continúa)

Caio Graccho.

São Paulo.

Correspondencia do Echo

Lorena, 22 de Dezembro de 1878.

Redactor Amigo.

Não sei como hei de começar esta missiva.

Ja me arrependo de ter tomado sobre meus hombros frageis, o enorme fardo de correspondente do Echo.

Não ha noticias; e eu não estou pera proceder como certo noticiario, que lança aos ventos da publicidade um noticiario d'este jaez:

Fulano chegou. Seja bem vindo!

Sicrano casou-se. Fazemos votos para a felicidade dos conjugues!

Beltrano está doente.

Fazemos votos etc. etc. etc.

Ando por toda a parte; corro toda a cidade; já fui mesmo ao Piquete; e nada de noticias.

Que desgraça! Que collições, carissimo Redactor!

E por cumulo de tantos males não vivemos hoje Gazeta! a nossa catita collega da Rua do Conde d'Eu está de molho an de vinha d'alho, como dizem os piraquaras.

Resigno-me, porém, e, em quanto isso, eis o que pude arranjar por aqui.

Ha dias houve gróssa altercação na venda do Tim, nosso respeitavel Subdelegado.

Tres caipiras, rechonchudos roceiros, quizerão-se pegar á unha por causa de 10\$000 rs. O caso foi este:

Havia fugido de um fazendeiro do Município, que não prima muito pela caridade, um escravo.

Ora, assim como a Camara Municipal tem 5\$ por cada negro fugido, justo que o capitão do matto que apanhar tenha 10: é uma postura de benevolencia dos senhores de matto.

Mas, como o homem é naturalmente ambicioso e como dez mil reis não é lá grande cousa relativamente ao valor do negro, segue-se que deve haver grande lucta quando o diabolito tem de ser repartido entre muitos capitães do matto.

Foi o que houve: certo 3 concorrentes aos dez mil reis, e concorrentes terríveis.

Convencidos, porém, receberam a sua quota, sem tugar, mas quando se tratou de fraccionar dez tostões, arregalaram os olhos.

O nosso Subdelegado, que não é lá forte em Arithmetica, ficou zonzo.

Porém, esse facto não mereço importancia; vejamos o que nos serve.

Esse senhor do negro fugido em questão, fazendeiro do Município é um senhor barbaço.

Seus escravos não são tratados como individuos da especie humana, são tratados piores do que as bestas de carga.

Não podendo suportar tão cruel e dura escravidão, os pobres negres, quando não recorrem ao suicidio, fogem da fazenda, passando as mais tristes privações.

Consta-me que, no anno passado, um enforcou-se mesmo no terreiro da fazenda; e, ha dias, fez-se auto de corpo de delicto em outro que se havia enforcado, cujo cadaver já estava em parte comido pelos còrvos.

E porque tudo isso?

Porque são maltratados; trabalham desde manha até a noite; comem muitas vezes milho cozido com sal, ao passo que seus senhores passam a grande e vivem no decoreio!

Disserão-me que o tal fazendeiro foi supplente de um cargo policial!

Em todo o caso; razão tinha Jesus Christo: « é mais facil passar um camello pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino do Céu ».

—A noticia da escolha do Carrão para Senador por esta Provincia não deu lá muito no goto á certo liberal da terra.

Eis o que disse o tal politiquero, á quem o Governo actual enche duas vezes a barriga.

—Estou furioso! Foi escolhido

senador o cachorro di Carron! a-quele é um canalhi!

Isto foi dito em pleno Hillar do Magro; por consequencia não é quem lhe perguntasse a razão e logo se risse.

O caso foi que o nosso liberal naturalizado sabio-se mal com a autoridade, na Administração do Carrão, que o mandou suspender, ou responsabilizar.

—Como ha de acontecer isto, em quanto os estrangeiros naturalizados para serem autoridades ou empregados publicos.

—O mesmo succede ao Agente da Direccão da Caridade, que, consta pa ter sido condemnado.

N. S., que naturalizou-se cidadão brasileiro para poder participar da eleição do Conselho da sen senhora, do partido conservador de Avelar, occupando o cargo de que foi da Biblia!

—Estou muito desagradavel!

Porém, não é admiravel ainda é ter o Chefe da Provincia sophisticado a eleição para chegar ao em-
prego!

D. e os contrarios também são os actuaes membros da Camara Municipal da terra.

Diz a outra parte, tem vindo certa malicia e o Secretario e Procu-
rador, á respeito de um certo nego-
ciante amigo, estabelecido na Car-
choeira.

—Não, não dizem; respondem com o seu silencio condemnavel.

O Inletor faz o mesmo: accom-
panha-os.

No entretanto, diz-se por ahí: quem
cala consente.

Quanto á nós, não podemos acre-
ditar nessa desqualidade do imposto
municipal; mas, em todo o caso,
permanecemos nos illustres funcio-
narios!

Que collas são essas?

—Por essa não dá a « Gazeta »
que está de vinha d'alho, no dizer
dos piraquaras.

A Collega, que parece propen-
der muito pelo lado Verde, tem sido
franca: todas as vezes que falla á
respeito da Municipalidade.

Porém, com esta razão, a collega
tornou-se um pouco verga, e ainda
não pôde dizer que a Camara man-
du a fabricar a lã, que vai रही no
lado de uma casa de comissões,
da qual seio capitalista o seu di-
recto Presidente.

Raacherta sua utilidade publica,
como essa é, depois muito contra a
Corporação da Camara.

—Mas, não se adoece d'isso,
caro Redactor: nesta lã ha termos
cousas se fazem como se quer e
não como devem ser.

Ha bem pouco tempo, ficou n-
fermo o primeiro Escriptor de Or-
phãos, que é elector geral nesta qua-
dra politica; por consequencia im-
possibilidade de escrever nos feitos
que lhe pertencessem, ou por de-
pendencia, ou por distribuição.

Ora, enfermado esse Escriptor,
devia necessariamente preencher a

na vaga o 2.º Escrivão, que é também privativo de Orphãos.

Assim, porém, não succedeu: os feitos passarão para o 1.º Tabelião do Publico, Judicial e Notas, á despoito de um aviso citado pelo Dr. Brotero, á despoito da piaxe, e em detrimento das partes.

* Não entendo de leis; mas, o bom-senso me diz que isso é inadmissivel.

—No entretanto, o Juiz Municipal passava.

S.S., que entrou no gozo de uma licença de 2 mezas, ha muito tempo, não saberá que a vara municipal anda dançando de casa em casa?

Não saberá que cada Supplente quer aproveitar a maré?

Não saberá que os Supplentes são guiados por Advogados interessados nas decisões?

E' tempo que o nobre *tourista* volte á terra e emponhe o bastão.

—Ahi vai o que se tem dado de mais importante:

S. Exa. o Dr. Juiz do Direito goza boa saúde, em companhia dos seus travessos peccuruchos.

* Consta que S. Exa. vai á Corte de passeia.

Nossos adeuses ao nobilissimo *tourista*.

O Major Vieira, depois que voltou de sua viagem sulista, que foi noticiada pela *Gazeta*, mudou de figura.

S. S. vestia cor do alicrim, hoje anda de ponto em branco.

São cousas da estação.

Os Empregados da Camara comprão chapéus novos.

O Secretario traz um catita chapozinho esbranquiçado.

O Procurador um chapéo á *slating*—*Rink*.

Decididamente, S. S. S. querem reformar a moda.

Deve ter chegado hontem da capital o Redactor da «Gazeta».

O distincto viajante viera desapontado necessariamente.

Mas, em compensação traz as malas repletas de noticias.

Temos barulho no becco!

O Augusto da Figueira anda de ponto em branco.

O chapéu, porém, é preto.

Seu correspondente e amigo,

Quim Pedro.

NOTICIÁRIO

3 de Janeiro.—É hoje o primeiro anniversario da ascensão do partido liberal ao poder com a chamada do gabinete 5 de Janeiro aos conselhos da corôa.

Tabiscadores.—A noite de 31 de Dezembro para 1.º de Janeiro do corrente anno foi de inteira vigília para os escrevinhadores que *embellezaram* as muradas e os predios d'esta freguezia com variadas *galanterias*. Não tiveram bom gosto nem foram bem succedidos. O producto de espirito não produziu espirito.

Novo Neptuno.—A 31 de mez p. passado, um individuo, cujo nome ignoramos, considerando que era fim de anno, entendeu que devia tambem dar fim á sua existencia atirando-se ao Parahyba montado em um magro sendeiro. Algumas pessoas que testemunhavam este acto de loucura trataram do obstaculo procurando salvar o moderno Neptuno, e o conseguiram com facilidade.

O facto deu-se no porto da balza.

Natal.—São festeiros nesta parochia, no corrente anno para fazerem solemnizar o anniversario natalicio de Jezus a extra. sr.ª d. Maria Joanna Dias da Cruz e o sr. Francisco Antonio Teixeira.

Movimento parochial.—Brevemente encetaremos a publicação do movimento parochial d'esta freguezia—para cujo fim, se digna auxiliar-nos o nosso illustrado Vigario, sr. Padre Antonio Caetano Ribeiro.

Juizo Municipal.—A 1 do corrente reassumio a jurisdicção de J. Municipal do termo de Loréna o sr. dr. José Pedro Mercendes Cezar, visto haver-se extinguido a licença de dous mezas da qual estava no gozo.

Enfermo.—Temos prazer em noticiar que se acha de todo restabelecido dos seus incommodos de saude o nosso particular amigo e illustre collaborador Leão Brazil.

Camara Municipal de Loréna.—Chamamos a attenção d'esta illustre edilidade para o pessimo estado das ruas d'esta freguezia e principalmente para o grande fosso que jaz nas proximidades da casa do sr. Midões, e de cuja mão estado já uma vez tivemos occasião de fallar.

Visto que se acha o seu fiscal mantetado, no cumprimento dos seus deveres, por ordem superior da mesma Camara, é justo que ainda uma vez nos dirijamos a essa Municipalidade—esperando que se digna alargar a esphera da liberdade de accção do seu empregado, ou que ao menos se digna ouvir as justas reclamações que lhe fazemos.

E. F. de D. Pedro II.—Da estação da linha ferrea n'esta freguezia, emanava, a 1 do corrente exhalacção putrida que viciava o ambiente com prejuizo dos viajantes e transeuntes que por alli passavam.

Um illustre cavalheiro, porem, observando este estado desagradavel da estação no digno Agente da mesma, sr. Toste, este incontinentem providenciou, mandando renovar agua no compartimento das latrinhas, de onde ao que nos informou, provinha o fetido.

Temos convicção de que o sr. Agente, cavalheiro zeloso no cumprimento dos seus deveres, continuará a observar aquella indispensavel medida, a bem do accio da repartição a seu cargo e mais particularmente—da salubridade publica.

Médico.—Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio que faz publicar na secção commovente deste jornal o distincto medico residente em Loréna o sr. Dr. José Luiz Vieira Maldonado.

Revista da S. Phileas Littetaria.—Fomos informados com o n. 11 d'esta interessante publicação mensal que tem á testa da sua redacção os illustres, porge da Escola Militar de 1904, sr. Antonio Silverio, Lauro Eodre, Fernando Marques, Urbano Duarte, e M. Valladão.

Tra o presente n.º 12, o qual contém o primeiro numero da publicação mensal.

Agradecemos cordalmente a remessa da *Revista* e retribuimos á Buza com a troca do nosso *Echo*.

Edital Officiel.—Tambem recebemos a n.º 1 do 18.º anno d'esta repub official, que, como se vê, é de nossos leitores, se occupa actualmente da publicação dos estatutos das duas Camaras.

Correspondendo á extrema bondade da illustre Redacção do *Diario* somos gratos pela deferencia e tomamos na devota consideração a obsequiosidade que dispensou-nos com o benévolo acolhimento de uma missiva nossa.

Inconvenientes do Eucalypto.—Ha-se agora um Eucalypto, especie curiosa, nos arredores de Rio de Janeiro, em Argel. A sociedade *Argel* faz n'aquelle lugar importantissimas plantações de Eucalypto que tem por fim salvar o paiz e temperar os calores torrões da verão. Porem, como resultado da medonha e plantação d'esta floresta de Eucalyptos no meio de uma planície até então sem arvores, teve, como resultado, attrahir milhares de passaros que construíam os ninhos nos ramos.

A imaginação, diz o *Alibor*, não poderia fazer uma idea mesmo approximada do numero d'estes passaros parayras: as arvores desaparecem de baixo dos ninhos, o seu piar perpetuo similha-se ao ruído do mar rebentando em furia contra os rochedos, e faz-se ouvir a mais de oito kilometros de distancia.

Quando pela manha partem para ir procurar alimento nos campos, formam-se cós uma cortina negra e imensa como as nuvens em dias de tempestade. Al da propriedade do colono em que elles cabrem? Medisem 20 hectares o seu campo de trigo ou de cevada, em poucos minutos ficaria devastado.

Não escapa nada, nem mesmo as hastes dos gramineas.

Toda a povoação rural d'este lugaz faz sentinella perpetua em volta das culturas, e o menor minuto de falta de attenção é expiado com a ruina total. As crianças fazem grandes caçadas nas florestas, nas que succumbem milhares de pardos. Mas esta destruição é absolutamente insignificante.

Os colonos fazem de manha até á noite *omnides* em que entram os ovos d'estes passaros, que são alem d'isso, comidos por todos os modos.

Que estranha região que é esta terra d'Africa! O que na Europa é a maior incommoda torna-se ali um flagello.

Jornal Illustrado.—Recebemos e agradecemos o n.º 18 do

5º vol. da *Revista Industrial*.

Preconisar o inestimavel merecimento d'esta importante *Revista*—é reproduzir aquillo que os mais illustres já tem dito e que é realmente confirmado pela crescente importancia d'esta tão util quanto amena publicação.

Desmoronamento.—Entre os kilometros 232 e 232 1/2 ha. barra da Pedra Oliva, ha uma compridissima entre (quatro e Lavrinhas) d'esta barra ha grandes barrancas, interrompendo completamente o tranzito, ficando tambein obstruido ali um leito e alagados os trilhos da linha.

CHARADAS

- 1.º
- 2-2 No que coisa alguma é refrigerante?
- 3.º
- 4-1 A e denegada, o peccado mortal e o peccado profundo constituem a primeira e ultima do requeijo.
- 3.º
- 1-1 Na musica, na musica e na musica.
- 4.º
- 1-1 No ermo, na musica e na mobilia.
- 5.º
- 2-2 O leito do Vaticano é reptil.
- 6.º

1-2 Em testemunhas, na garganta ou nas bochechas?

(Do n.º precedente são:—*Milagre, Falas e Tacueto*.)

(Quemnos o premio, sr. E.C. do Cruzeiro.)

PEDIDOS

POESIA

Ingenharia

- Me dize; estou zangada com voce, Mas, meu anjo, porque?
- Lá vem voce que fez á D. Zina Um amor que não soube declarar-me Quando jurei amar-me.
- Mas escute, meu anjo: ella é menina, E assim é... pequenina; Não tenhas tu por mim tantos crimes; Não receies; são vãos os teos queixumes.
- E assim?... mas então? que lhe parece? E' pequena, mas cresce.

Porto da Cachoeira

Venho Sr. Redactor, á Imprensa manifestar a minha viva gratidão, para com as pessoas que compareceram espontaneamente hontem ás oito horas da noite, á fim de ajudar-me no grande incendio que, por merec de Deus, não reduziu a montanhas de cinzas a casa de minha residencia!

Todos t'abulhação com muita satisfação e ordem; no entanto pego venia aos srs. Rhodes, Silva Reis, Moreira & Seixas, Proprietarios e Redactor do *Echo Municipal*, Subdelegado em exercicio Claudino de Almeida Palma, e seu filho Nilton, Dr. Ascaño, os irmãos Octaviano, e Francisco, Antonio Prado, Araujo & Rocha, Salyro, Antonio Alves, os Duartes, Domingos C. Pinto & C.º para render-lhes um voto de profundo reconhecimento pelos esforços que fizeram para a extincção do dito incendio, que tinha tomado caracter assustador, e que se não fora tanta dedicação, —perencia per se duvida

a minha pegueira, porem bonita propriedade. Agradeço igualmente a algumas familias, que na mesma occasião concorrerão á nossa casa, e tambem áquellas pessoas, cujos nomes deixo de mencionar por me ficarem occultas nas sombras da noite.

29 de Dezembro de 1878.
O Padre Antonio C. Ribeiro

Bom Vista

Deixo hoje de ser empregado dos senhores Silva & Companhia, por incommodo de saúde, substituído-me de commun accordo o meu amigo e intelligente Guarda—Livros, o sr. Francisco da Trindade Dias.

Retiro-me saudoso sob a mais cordial harmonia, e venho pelo presente, manifestar a minha gratidão ás pessoas que fazem parte d'aquella firma, e em particular, ao meu amigo o sr. Bernardino Lopes da Silva, socio gerente da mesma, e a sua Exm^a familia, a todos, e aos meus companheiros de trabalho offerço um aperto de mão em despedida, e meu limitado prestimo, aonde quer que o destino me conduza.

Bom Vista, 31 de Dezembro de 1878.

J. D. SILVA.

MOFINA.

Pergunta-se aos senhores Secretario e Procurador da Camara municipal de Lorena, porque o sr. Victorino de Almeida Cunha, ainda não pagou os direitos das rezas que tem cortado a sete mezes? e as multas exigidas pelo fiscal desta Freguezia?... Terá elle algum pai alcaide?... Respondão-nos por favor.

Muitos que querem saber.

E. F. São Paulo e Rio de Janeiro.

No dia 8 de Dezembro passado, o trem especial que conduziaromeiros á Apparecida, vindo a esta cidade de pois da passagem do mto jo ao anofecer, matou quatro bois de carro do sr. José Bento Pereira, deixando mais dois bastante mutilados.

O machinista d'esse trem—Henrique Walter—o mais insolente e desobediente de todos os outros machinistas d'esta linha, vendo á grande distancia os bois no trilho, deu extraordinaria força na machina, no proprio sitio do, no regresso, contemplar o quadro que, sua má indole e sua imaginação escaçada pelo alcohol, havia previsto.

De facto, no regresso, fez parar a machina e foi pular por cima das victimas dando grandes gargalhadas e dizendo na presença de muitos circumstantes que dera força na machina para evitar o desarruamento.

Os bois haviam sabido do pasto n'esse momento que a machina os pegara não por acaso, sim por malvadez de algum que os havia posto fora do pasto.

Muitas pessoas d'esta cidade testemunham esse facto heroico do sr. Henrique Walter e não lhe perderam a auloria d'esse prejuizo, porque em uma recta de mais de um kilometro elle bem podia, se o quizesse, evitar o mal causado.

Até hoje a Directoria da estrada, que deve estar ao facto d'esse acontecimento, não tratou de indemnizar o sr. José Bento, homem excessivamente fido de recursos, e nem talvez haja punido ao insolente e espiritualmente machinista.

A. E. F. São Paulo e Rio de Janeiro não têm convenientemente fechados os trilhos e por isso deve indemnizar os prejuizos que vas causando ao povo e igualmente recomendar aos seus machinistas toda a prudencia.

O povo, alem de ser sobre-carregado de impostos ainda acha-se na contingencia de ver sua propriedade demolida arbitrariamente, calado lá de sempre ver a machina matar suas crianças, incendiar as suas matas pelo fogo atizado pelos empregados da estrada.

E alem de tudo, ainda não é delicadamente tratado por certos caprichosos agentes de estação que se julgam reis pegados por que fuzerem uma fardela e trazem uma apalozado benedit.

Lorena, 1 de Janeiro de 1879.

Um lacrador.

ANNUNCIOS.

ATTENÇÃO

Precisa-se de um ou dois trabalhadores que tenham pratica de serviço de arado

Tracta-se na Fazenda da Cachoeira com o Dr. Costa Junior.

Vende-se uma preta, crioula de 16 annos de idade, bonita figura, de serviço de roça, domestico e sem vicios, para informações n'esta Typographia.

Cachoeira, 20 de Dezembro de 1878.

O Doutor Hildebrando Azevedo, medico operador e parteiro, tendo fixado sua residencia n'esta freguezia offerece os seus serviços medicos, ao respeitavel publico accellendo chamadas para qual quer parte e a qualquer hora do dia ou da noite.

Da consultas na Villa do Cruzeiro, na casa de propriedade da exma. sr. D. Anna de Seixas, ás quintas-feiras e domingos do meio dia ás duas horas da tarde, e na impossibilidade nos dias immediatos.

N'esta freguezia, todos os dias das seis horas da manhã ás nove da noite.

Gratis aos pobres

Cachoeira, 8 de Dezembro de 1878.

Pharmacia N. S. das Dores.

O pharmaceutico Theodoro Fragoso Rhodes, tem a subita satisfação de annunciar ao illustrado povo de Cachoeira, Cruzeiro, Sapé, Silveiras, Pinheiros, Lavrinhas e etc que abriu um estabelecimento pharmaceutico, capaz de complitir com o melhor e mais bem sortido da Corte, achando-se por este motivo apto a aviar com promptidão e fidelidade qualquer receita, e por conseguinte a bem servir o respeitavel publico, do qual desde já pede a valiosa protecção e anticipa sua sincera gratidão.

Cachoeira, Novembro de 1878.



100\$000 Rs.

Da-se de gratificação a quantia acima aquem aprehender ou dêr noticia certa das duas escravas abaixo declaradas pertencentes a Dona Anna Maria de Seixas, residente n'esta freguezia:

Anna, crioula, 40 annos, mais ou menos, falta de dentes na frente, estatura regular, cheia de corpo, veste bem e passa por ferra. Falla regularmente, mas quando perturbada gagueja a ponto de pouco perceber-se o que diz.

Silveria, paria de 50 annos de idade, estatura regular, cabellos grenhos, grandes e observa pouco asseio no vestir; boca grande e falla pausada e mansa.

Ambas estas escravas desapareceram d'esta freguezia a cerca de um anno: a primeira julga-se que pára em algum ponto da provincia do Rio, e a segunda em S. José do Paraiço (Minas) de onde é natural.

12—2

ESCRAVO FUGIDO

Fugio no dia 1 de janeiro de 1879 o escravo Flauzino pertencente a Diogo dos Santos Pinto, com os seguintes signaes: Cór parada, altura regular, bar-

ba á Cavaignac; tem falta de dentes do lado esquerdo, olhos inchados, pés grandes, e no andar joga um pouco para fóra; pernas grossas. Levou calça e collete de casimira do côr, palitot de pauze azul forrado de haeta encarnada, chapéo preto, alto. E' conhecido pelo nome de Sabino; já andou fugido dous annos, e consta que já esteve prezo na cadeia de Areias e que ultimamente andou por Silveiras e Itagacaba, onde foi prezo. Gratifica-se bem a quem o aprehender e leval-o a seu senhor em Campo-Bello, e protesta-se com todo o rigór da lei contra quem o acoutar.

Campo-Bello, 2 de Janeiro de 1879.

MEDICO

O Tr. João Luiz Vieira Maldonado medico e operador, tendo fixado a sua residencia n.º 3, onde pode ser procurado a qualquer hora para os misteres de sua profissão, attendendo com promptidão a todos os chamados, que lhe forem dirigidos.

Da consulta todos os dias em sua residencia. Gratis aos pobres.

LORENA

Guaratinguetá

Clinica Medica Cirurgica

Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo, tendo fixado residencia n'esta provincia, offerece a seus comprouvianos os seus serviços profissionais, accellendo chamados ou convites para conferencias em qualquer ponto da mesma provincia. Dirigirse ap mesmo em Guaratinguetá.

20—12

Typ. do Echo Municipal—Cachoeira.